

PAUL RICŒUR E O PARADIGMA DA TRADUÇÃO

Adna Candido de Paula
Pós-doutoranda da Universidade
Estadual de Campinas
adnapaula@yahoo.com.br

RESUMO: *Este artigo tem por objetivo apresentar algumas das considerações feitas por Paul Ricœur nos textos “Défi et bonheur de la traduction”, “Le paradigme de la traduction” e “Un ‘passage’: traduire l’intraduisible”, reunidos, posteriormente, em livro sob o título Sur la traduction. Outrossim, o artigo visa expor e problematizar o ato de traduzir as obras do próprio Paul Ricœur. A forma como Paul Ricœur estrutura seus textos, tramando uma teia dialógica de leituras de outros pensadores, de diferentes áreas, exige uma aproximação minuciosa e intensa. Como dizem alguns pesquisadores de suas obras: ler Ricœur é ler “outros”. No que consta do processo de tradução, é possível afirmar que “traduzir Paul Ricœur é traduzir outros”.*

PALAVRAS-CHAVE: Paul Ricœur, tradução, tarefa do tradutor, alteridade, hermenêutica.

RÉSUMÉ: *Cet article a pour objectif de présenter certaines des considérations exprimées par Paul Ricœur dans les textes “Défi et bonheur de la traduction”, “Le paradigme de la traduction” et “Un ‘passage’: traduire l’intraduisible”, réunis, ultérieurement, dans un livre sous le titre Sur la traduction. De plus, l’article vise à exposer et discuter l’acte de traduire les oeuvres de Paul Ricœur lui-même. La façon dont Paul Ricœur structure ses textes, en construisant une toile dialogique de lectures d’autres penseurs, de différents secteurs, exige une approche minutieuse et intense. Comme disent certains chercheurs de ses oeuvres: lire Ricœur c’est comme lire “d’autres”. Dans ce en quoi consiste le processus de traduction, il est possible d’affirmer que “traduire Paul Ricœur c’est traduire les autres”.*

MOTS-CLÉS: Paul Ricœur, traduction, tâche du traducteur, altérité, herméneutique.

INTRODUÇÃO

O filósofo francês Paul Ricœur começou sua carreira com a publicação de uma tradução. Em 1939, como prisioneiro de guerra, no campo de concentração Gross-Born, atualmente, Choczó (Polônia), Ricœur traduziu *Idées directrices pour une phénoménologie*, de Edmund Husserl.

Considerado por muitos como o pai da hermenêutica moderna, Ricœur se dedicou, entre outros assuntos, à questão da tradução e dos problemas a ela concernentes. Afinal, a tradução está intimamente ligada à hermenêutica, visto que uma das apreensões do verbo grego *hermeneuin* é “traduzir”; não só no sentido de passar de uma língua para outra, como no de aproximar o sentido de algo distante no tempo ao sentido do sujeito que lê.

O *corpus* teórico deste artigo são três textos de Paul Ricœur que tratam da felicidade e do desafio que é o trabalho de tradução. O primeiro deles, “Desafio e felicidade da tradução”,¹ representa o discurso feito pelo filósofo no Instituto Histórico Alemão, no dia 5 de abril de 1997. Trata-se da participação de Paul Ricœur, na condição de convidado pela Fundação Deutsches Verlagsanstalt, para a entrega do Prêmio Franco-Alemão de Tradução de 1996. O segundo texto, “O paradigma da tradução”, é, na verdade, a aula magna ministrada, em outubro de 1998, na Faculté de Théologie Protestante de Paris. Esse texto encontra-se publicado na revista *Esprit* (n. 853, junho de 1998). O terceiro e último texto, “Uma ‘passagem’: traduzir o intraduzível”, foi redigido especialmente para a publicação do livro que reúne os três textos, intitulado *Sobre a tradução* (RICŒUR, 2004, 2005).

Com base nessas considerações, pretendo apresentar a relação que o filósofo estabelece entre

os “problemas” da tradução e seus postulados hermenêuticos, bem como as especificidades do “trabalho” de traduzir as obras do próprio Paul Ricœur.

A PROVA DO ESTRANGEIRO

Para falar a respeito das “grandes dificuldades” e das “pequenas felicidades” da tradução, Paul Ricœur decide apoiar-se, inicialmente, nas considerações feitas por Antoine Berman (2002), no livro *A prova do estrangeiro*. Ricœur propõe uma leitura comparativa entre as expressões “prova da tradução”, de Berman, e “tarefa do tradutor”, usada por Walter Benjamin em dois ensaios, nos quais ele trata do “trabalho de lembrar” e do “trabalho de luto”, sob o duplo sentido que Freud dá ao vocábulo “trabalho”. Nesse sentido, segundo Ricœur, traduzir é, igualmente, um processo de salvamento e um consentimento à perda. E o que a tradução salva? E o que ela perde? – pergunta ele.

Três personagens são colocadas na arena da tradução: o autor da obra estrangeira, o leitor da língua de acolhimento e o tradutor, como mediador. O tradutor encontra-se no papel do servidor, como disse Franz Rosenzweig (1998), pois ele serve a dois mestres: ao autor e ao leitor da obra traduzida. Contudo, o tradutor corre sempre o risco de trair um ou o outro, o estrangeiro na sua estrangeiridade e o leitor no seu desejo de apropriação.

Ricœur identifica uma “resistência” por parte da língua de acolhimento, como recusa dissimulada da prova do estrangeiro. A resistência já existe na língua do estrangeiro, aquela com a qual

¹ Todos os títulos e citações referidos no artigo são traduções livres, de minha responsabilidade.

o tradutor se angustia diante da massa inerte resistente à tradução. Essa resistência que o tradutor sente advém de sua consciência da impossibilidade de redobrar a obra original, o que se apresenta como ideal de tradução. Mas, apesar dessa consciência, o desejo de redobrar o original não se anula, só alimenta a crença de que a tradução será sempre ruim, não será nada mais que uma tradução, por definição. E a resistência desencadeia outras reações: na prática da tradução, por exemplo, o tradutor irá deparar com trechos, aparentemente, mais intraduzíveis que outros, que intensificam o drama da tradução, mas, por outro lado, aumentam o desejo do sucesso da “boa” tradução, o que faz dela uma aposta. O tradutor, segundo Berman, é ambivalente, pois força seu desejo de traduzir de dois lados: força sua linguagem materna a se alastrar em estrangeiridade e força a outra língua a se conformar dentro de sua língua.

Existe, portanto, um impasse entre “tradução ideal”, ou seja, a da obra redobrada, e “tradução impossível”, que é essa mesma obra redobrada. Ricœur observa a necessidade do trabalho de luto, ou seja, é preciso que o tradutor renuncie ao ideal da tradução perfeita. É essa renúncia que lhe permite viver com uma deficiência aceita. A atestação dessa “deficiência”, por parte do tradutor, faz com que ele perceba ser impossível servir a dois mestres. Em compensação, o trabalho de luto torna possível cumprir com as duas tarefas consideradas por Friedrich Schleiermacher (apud RICŒUR, 2004): a de “levar o leitor ao autor” e a de “levar o autor ao leitor”.

De acordo com Ricœur, o sonho da tradução perfeita encobre um perigo: o do desejo de construir uma biblioteca total através de uma rede, infinitamente ramificada, de traduções de todas as obras, em todas as línguas; seria o equivalente a preencher a ausência de uma língua universal. Essa universalidade recuperada poderia suprimir a memória do estrangeiro e, talvez, o amor pela língua própria, no ódio pelo provincianismo da língua materna. Tal universalidade, que apaga sua própria história, faria de todos os estrangeiros apatriotas da linguagem, ou seja, nômades errantes. O sonho de traduzir é um ganho quando se assume a perda da linguagem absoluta e se aceita a distância entre “adequação” e “equivalência sem adequação”. Para Ricœur, assim como no ato de contar, é possível traduzir diferentemente, sem a esperança de preencher o desvio entre equivalência e adequação total, mesmo porque não existe um critério absoluto para a “boa” tradução. Esse critério só existiria se houvesse um terceiro texto, que serviria como intermediário, portador do sentido idêntico suposto a circular do texto de saída ao texto de chegada. Nele residiria o idêntico semântico. Contudo, esse terceiro texto seria, na verdade, uma retradução operada pelo ato de leitura crítica, realizado pelos bilingües ou poliglotos – uma espécie de retradução privada. A retradução, ou seja, a leitura incessante de grandes obras, funciona como o terceiro texto.

Paul Ricœur trabalha, ainda, com uma outra via de acesso ao problema posto pelo ato de traduzir: a que toma o termo “tradução” no sentido largo, como sinônimo de interpretação de todo o conjunto

significante no interior de uma comunidade lingüística. Essa é a aproximação feita por George Steiner (2005). O mito de Babel faz sonhar com uma presumida língua paradisíaca perdida, que não necessita de guia para ser compreendida. Em *Depois de Babel*, a dispersão-confusão, imposta ao homem pelo mito, é percebida como uma catástrofe da linguagem irremediável. Ricœur propõe uma leitura mais benevolente em relação à condição comum aos humanos. O filósofo recusa essa idéia de catástrofe lingüística imposta aos indivíduos por um deus ciumento, propõe uma leitura do mito de Babel na chave de uma constatação, sem condenação de uma separação originária. Assim como se dá no início da *Gênesis*, com a separação dos elementos cósmicos que permite emergir o caos, tem-se a separação pela perda da inocência e pela expulsão do Paraíso, que marca também o acesso à idade adulta e responsável. Ricœur divide essa leitura do mito com o exegeta Paul Beauchamp, para quem a dispersão e a confusão das línguas coroa a tese da “separação” como condição do exercício da linguagem.

O importante para o filósofo é que se perceba, como fez Umberto Eco, nos versículos 31-32, do capítulo 10 da *Gênesis*, que a questão da pluralidade das línguas parece presa por um dado simplesmente factual. Vejamos:

Esses foram os filhos de Sem, segundo seus clãs e suas línguas, segundo suas terras e suas nações. Esses foram os clãs dos descendentes de Noé, segundo suas linhagens e segundo suas nações. Foi a partir deles que os povos se dispersaram sobre a terra depois do dilúvio. (*Gen*, 10, p. 31-32).

Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras. Como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra do Senaar e aí se estabeleceram. Disseram um ao outro: “Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!” O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa. Disseram: “Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre os céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos sobre toda a terra!” Ora, Iahweh desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído. E Iahweh disse: “Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum designo será irrealizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros”. Iahweh os dispersou dali por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Deu-se-lhe por isso o nome de Babel, pois foi lá que Iahweh confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra. Eis a descendência de Sem: quando Sem completou 100 anos, gerou Arfaxad, dois anos após o dilúvio. Depois do nascimento de Arfaxad, Sem viveu quinhentos anos, e gerou filhos e filhas. (*Gen*, 11, p. 1-11)²

Segundo Ricœur, não houve nenhuma recriação, nenhuma deploração, nenhuma acusação. A tradução é, pois, uma tarefa, não no sentido de uma obrigação imposta, mas no sentido da coisa a

2 A tradução utilizada por Paul Ricœur é a do argelino Nathan André Chouraqui; neste artigo utilizo a tradução d’*A Bíblia de Jerusalém*.

fazer para que a ação humana possa simplesmente continuar, como já havia observado Hannah Arendt (2003). Para o filósofo, o mito de Babel nos chama a traduzir!

Retomando a questão do desejo messiânico da linguagem absoluta, Ricœur (2004, p. 25-26) atenta para o dilema entre a coisa a fazer, ou seja, a necessidade da tradução e a questão da intraduzibilidade:

Ou bem a diversidade das línguas exprime uma heterogeneidade radical e, então, a tradução é teoricamente impossível; as línguas são *a priori* intraduzíveis umas nas outras. Ou bem a tradução, tomada como um fato, se explica pelo fundo comum que torna possível o fato da tradução; mas então devemos reencontrar esse fundo comum, e essa é a pista da língua universal; originária ou universal, essa língua absoluta deve poder ser mostrada, em suas categorias fonológicas, lexicais, sintáticas e retóricas.

O filósofo traz para o debate o etnolingüista Benjamin Lee Whorf, aluno do lingüista estruturalista Edward Sapir. Whorf postula a conhecida hipótese Sapir-Whorf, segundo a qual os homens vivem, de acordo com suas culturas, em universos mentais muito distintos, determinados pelas diferentes línguas que falam. Desse modo, o estudo das estruturas de uma língua pode levar à elucidação de uma concepção de mundo que a acompanhe. Com base nessa hipótese, chegou-se à tese do intraduzível ao se constatar que as diferentes linguagens, com suas características próprias, não

são passíveis à superposição dos diferentes cortes sobre os quais repousam os múltiplos sistemas lingüísticos. Por exemplo, no plano gramatical, é possível observar que o sistema de tempos verbais (presente, passado e futuro) difere de uma língua para a outra. Segundo Ricœur, se for aceita a idéia de que cada corte lingüístico – fonológico, sintático, lexical e semântico – impõe uma visão de mundo, então, traduzir seria, teoricamente, impossível. Esse é um obstáculo real que impede o sonho messiânico da linguagem absoluta, perfeita. Não existe um acordo, no nível lexical, das idéias primitivas que entram na composição da linguagem; esse acordo pressuporia uma homologia completa entre o signo e a coisa, sem nenhuma arbitrariedade entre a linguagem e o mundo, o que é impossível. Ricœur aposta no dilema, na ambivalência do ato de traduzir, razão pela qual ele continua suas considerações com o dado incontestável: a tradução existe, é um fato. Sempre traduzimos.

De acordo com a leitura ricœuriana do mito de Babel, a tradução faz parte da condição humana, enquanto coisa a fazer; soma-se a essa atestação o dado psicanalítico da pulsão de traduzir, garantida pelo desejo. Berman também tratou do desejo de traduzir em *A prova do estrangeiro*, um desejo que está além da obrigatoriedade e da utilidade da tradução. Ambas são reais e inquestionáveis: a tradução permite que se estabeleçam as relações econômicas, culturais e sociais. O uso das traduções é uma economia viável e interessante para aqueles que não dispõem de tempo, de recursos ou de gosto

na aquisição do conhecimento de outras línguas. Por outro lado, o acesso às tragédias gregas, às filosofias platônicas, ao teatro de Shakespeare, à poesia de Petrarca, Dante, Goethe e Schiller, assim como aos romances de Dostoievski, só foi possível, na extensão em que são conhecidas essas obras, graças à tradução. Foi o desejo de traduzir que impulsionou figuras como Goethe, Humboldt, Novalis, os irmãos Schlegel, Schleiermacher, Hölderlin e Walter Benjamin, para citar alguns, a empreender tal tarefa. Segundo Ricœur, esses apaixonados esperavam da tradução o “alargamento” do horizonte de suas próprias línguas. Como disse Hölderlin (apud RICŒUR, 2004), o que é próprio deve ser bem aprendido, da mesma forma que o que é estranho. É sobre essa possibilidade de relacionamento de uma língua – e, por conseguinte, de uma cultura – com outras línguas e culturas diferentes proporcionada pela tradução, na contramão da hipótese de Whorf-Sapir, que se assenta o interesse hermenêutico de Paul Ricœur.

A HERMENÊUTICA COMO TRADUÇÃO

A relação do “próprio” com o “estrangeiro” atravessa toda a tradição da hermenêutica filosófica, desde Schleiermacher, passando por Hans-Georg Gadamer até chegar a Paul Ricœur. No que consta do processo de tradução, e de sua relação com a hermenêutica ricœuriana, é possível observar o valor de positividade que o filósofo concede ao sonho dos escritores alemães românticos na medida em que este lhes encorajou a ambição de levar ao dia a face escondida da língua de partida da obra a

ser traduzida e, reciprocamente, a ambição de desprovincializar a língua materna, convidada a se pensar como uma língua entre outras e, no limite, a se perceber ela mesma como outra.

Através da tradução é possível operar com a desmitologização, ou seja, procurar ver no texto traduzido o que, no ato da leitura, ele pode significar para o indivíduo que lê. O texto, fazendo apelo à leitura e, por conseguinte, ao ato de interpretação, constitui a dimensão essencial da hermenêutica e o ponto de encontro da reflexão desta com a tradutologia.

Segundo Ricœur, a tradução põe um problema ético. O que também está em jogo é o que ele denomina como a “hospitalidade da linguagem”, ou seja, o prazer de receber em si, em sua própria casa de acolhimento, a palavra do estrangeiro. Essa hospitalidade é o modelo para outras formas de hospitalidade, como as religiões e as confissões, afinal, assim como acontece com a língua estrangeira, é preciso aprender o léxico, a gramática, a retórica e a estilística dessas outras formas para poder compreendê-las. Ricœur retoma a declaração de Steiner de que compreender é traduzir. Traduzir é mais do que permitir a interiorização da relação com o estrangeiro, trata-se de tomar consciência do fenômeno do mal-entendido, da incompreensão que suscita a interpretação. Para explicar determinado fato, ou sentença, o indivíduo diz a mesma coisa de forma diferente. Esse também é o trabalho do tradutor, dizer “outramente” o enunciado da língua de saída. Como defende Ricœur, é em plural que nós nos definimos, que nós reformulamos, que

explicamos, que procuramos dizer a mesma coisa diferentemente, “outramente”.

Há, portanto, diferentes esferas de alteridade conjugadas no processo de tradução: o outro que é o texto de saída em relação ao texto de chegada; o outro que é o leitor em relação ao autor e vice-versa; o outro que é a cultura estrangeira que se desvela; o outro que são as estruturas mínimas dos enunciados, as palavras, as frases e os textos das línguas de saída e de chegada e, por fim, o outro que é a consciência da estrangeiridade da língua própria em relação às demais. Essa alteridade plural implícita no ato da tradução e no seu resultado é que importa ao filósofo:

Eu sou levado, isso é certo, a privilegiar a entrada pela porta estrangeira. Não fomos nós colocados em movimento pelo fato da pluralidade humana e pelo enigma duplo da incomunicabilidade entre os idiomas e da tradução apesar de tudo? E depois, sem a prova do estrangeiro, seríamos sensíveis à estrangeiridade da nossa própria língua? Enfim, sem essa prova, não estaríamos ameaçados a nos fechar na acidez de um monólogo, sozinhos com nossos livros? Honra seja feita, por conseguinte, à hospitalidade da linguagem. (RICŒUR, 2004, p. 51-52)

Contrário à tradição do cogito absoluto, no qual o sujeito pretende se conhecer pela intuição imediata, Ricœur afirma que o sujeito só se compreende através dos sinais inscritos nas obras legadas pela cultura e pela tradição. Nesse sentido, o texto é a mediação necessária por meio da qual o intér-

prete compreende-se, interpreta-se. Em *Conflito das interpretações*, Ricœur é categórico ao afirmar que o trabalho da interpretação revela uma intenção profunda: a de vencer uma distância, um afastamento cultural; a de igualizar o leitor a um texto estrangeiro; a de permitir que o leitor se aproprie desse texto. Para Ricœur, uma das finalidades de qualquer hermenêutica é vencer a distância cultural. A interpretação, nesse sentido, aproxima, torna contemporâneo e semelhante o que era, em princípio, estrangeiro.

O que há para ser compreendido em uma narrativa, como afirma Ricœur (1991), é a “coisa do texto”, ou seja, um tipo de mundo que a obra desvela. Foi Aristóteles, em sua teoria sobre a tragédia, que ofereceu a chave que Ricœur considera válida para todo o tipo de narrativa: “o poeta, compondo uma fábula, uma intriga, um muthos, oferece uma mimesis, uma imitação criativa dos homens agindo” (RICŒUR, 1986, p. 187). Através da função mimética, a narrativa refaz o mundo humano da ação. A tradução possibilita a abertura de outros mundos para além dos mundos possíveis dentro da linguagem materna. A interpretação de uma obra é sempre uma tradução desse outro mundo presente no texto, assim como a interpretação de si se dá pela interpretação da ação humana desvelada na narrativa. A tradução possibilita, no limite, a pluralidade dos mundos habitáveis.

TRADUZIR PAUL RICŒUR

O próprio filósofo chama a atenção para a especificidade em traduzir filosofia. Segundo

Ricœur, a dificuldade dessa tradução se dá pelo fato de ela emergir de um plano de cortes semânticos nem sempre passíveis à superposição de uma língua para a outra. O tradutor se impõe a tarefa de traduzir, letra a letra, as palavras-chave (os *grundwörter*), mas essa imposição tem seu limite, na medida em que essas palavras-chave “são condensações de textualidades longas, onde contextos inteiros se refletem, sem dizer dos fenômenos de intertextualidade dissimuladas na impressão da palavra” (RICOEUR, 2004, p. 12-13). Contudo, essas intertextualidades valem como retomada, ou refiguração, dos empregos feitos dessas palavras por outros autores da mesma tradição de pensamento, ou, ainda, de traduções diversas. Para Ricœur, o texto filosófico, por ser armado de uma semântica rigorosa, põe em xeque o trabalho da tradução.

No que concerne à tradução das obras de Paul Ricœur, existe um elemento a ser considerado no processo. Para além da dificuldade que ele mesmo expõe nas considerações já arroladas, existe a da especificidade da configuração da teia dialógica, característica de seu pensamento filosófico. Paul Ricœur aprendeu com Gabriel Marcel, na casa de quem um grupo de estudantes se reunia todas as sextas-feiras para estudar obras filosóficas, o método da “segunda reflexão”, ou seja, a necessidade da retomada, num segundo grau, das experiências vivas que a “reflexão de primeira”, redutora e objetiva, teria obliterado o texto de sua potência afirmativa original. Para alcançar a “segunda reflexão”, é preciso se aproximar do texto com respeito e acuidade, tendo em mente que toda hipó-

tese é boa para ser investigada. Nesse sentido, Ricœur promove o que denomino “teia dialógica”, na qual diferentes vozes participam de sua filosofia. Seu diálogo é travado com pensadores de áreas diversas: filósofos, historiadores, literatos, linguistas, poetas, entre outros.

A cada obra desses pensadores, Ricœur expõe, às vezes, a idéia geral para em seguida se concentrar em um dado conceito, ou tratamento, com o qual pretende estabelecer uma relação de aceitação, de investigação ou de recusa. Para aprender a aproximação que o filósofo faz desse determinado elemento, é preciso ler seus textos obedecendo, igualmente, ao método da segunda reflexão. Não raro, após a exposição de um determinado ponto, caso ele esteja inserido em uma tradição reflexiva, outro texto, de outro filósofo, entra na rede de comunicação e, assim, consecutivamente. *Grosso modo*, é preciso se debruçar sobre o texto ricœuriano com a disposição de se deixar conduzir, sem ansiedade e sem risco de permanecer no nível da primeira reflexão.

Quanto ao processo de tradução, essa construção textual empreendida por Paul Ricœur exige o conhecimento das diferentes tradições de traduções de cada um dos parceiros implícitos nessa rede dialógica. É necessária a pesquisa que permita ao tradutor vencer a semântica rigorosa dos textos filosóficos. A pesquisa acerca das escolhas que geraram as demais traduções, tanto das obras de Ricœur como as das outras obras presentes nesse diálogo, possibilita a sobrevivência do diálogo. O contrário, a tradução desprovida desse cuidado com

o olhar retrospectivo para as traduções já existentes, incorre no sacrilégio de negar o princípio básico da filosofia ricœuriana: o da filosofia plural que existe por conta desse diálogo sempre aberto a novas considerações.

CONCLUSÃO

Com foi demonstrado neste texto, Paul Ricœur se debruça sobre a questão da tradução por entender que ela possui implicações éticas. A primeira delas por conta do desejo, da pulsão de tradução que permite o conhecimento desses outros mundos habitáveis, outros paradigmas de ações com as quais podemos, ou não, nos identificar. Em segundo lugar, Ricœur aposta na tradução como forma de impulsão ao movimento, ao crescimento humano. A “prova do estrangeiro” permite aos indivíduos o conhecimento da estrangeiridade de sua própria língua, e, segundo o filósofo, sem essa prova os indivíduos estariam ameaçados a se fechar em um diálogo estéril.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: Edusc, 2002.

RICŒUR, Paul. *Du texte à l'action: essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.

_____. *Do texto à ação*. Porto: Res Editora, 1991.

_____. *Sur la traduction*. Paris: Bayard, 2004.

_____. *Sobre a tradução*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Cotovia, 2005.

ROSENWEIG, Franz. *L'écriture, le verbe et autres essais*. Paris: PUF, 1998.

STEINER, George. *Depois de Babel*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Paraná: Editora da UFPR, 2005.

WILHELM, Jane Elisabeth. Herméneutique et traduction: la question de “l'appropriation” ou le rapport du “propre” à “l'étranger”. *Revue Meta*, v. 49, n. 4, dez. 2004.